

cachoeiro  
**CULT**

ANO VI - Nº 33 - ABRIL/2012 - R\$ 5,00



## Guilherme Secchin

Entrevista à Fernando Gomes publicada na  
edição de abril de 2012 da Revista Cult

**Guilherme Secchin**

O artista inquieto e em paz com sua arte

# Guilherme Secchin

Entrevista à Fernando Gomes publicada na edição de abril de 2012 da Revista Cult

João Guilherme Vianna Secchin, ou, mais precisamente, o pintor Guilherme Secchin, nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, no ano de 1959. Frequentou os colégios cachoeirenses até ceder ao chamado da grande cidade. Era natural que assim o fizesse: uma grande carreira artística o esperava no futuro. Teria que caber no universo das metrópoles, onde os espaços são mais amplos e os olhares mais afinados.

Construiu sua carreira sem saltos, sem movimentos abruptos. Aos poucos, foi escalando os degraus do reconhecimento da crítica especializada, conquistando a preferência dos amantes da pintura, construindo a consolidação de um trabalho unanimemente respeitado; e mais: realizando sua caminhada pelos roteiros do mundo.

Na presente entrevista, vocês lerão sobre os lugares onde expôs suas obras; seus conhecimentos leves e descomplicados sobre a essência da arte; sua vivência ancorada nos valores de uma vida com os sensores voltados para a magnitude do seu ofício.

Ferreira Gullar escreveu, em um poema sobre Niemeyer, um verso que acho que pode se aplicar à obra e a filosofia de vida de Guilherme Secchin: "Oscar nos ensina que a beleza é leve".

**Revista Cult:** Como em todo início das nossas entrevistas, pedimos ao entrevistado que faça um breve relato da sua vida, onde nasceu, estudou, os motivos que o levaram a decidir pela profissão e pela cidade que escolheu para viver, e, se houve apoio da família pela opção da "incerta" vida profissional de artista.

**Guilherme Secchin:** Nasci em Cachoeiro em 17 de janeiro de 1959. Por pouco nascia em Marataízes...Estudei no jardim de infância, onde tive o meu primeiro contato com materiais de arte e acho que ali a "coisa" começou a acontecer...Depois estudei até o 3º ano primário no Bernardino Monteiro (D. Terezinha Gaigher me alfabetizou). No 4º ano fui para a Escola Experimental Tio Patinhas. Fiz admissão no Instituto Padre José Anchieta (colégios dos padres). No 7º ano, fui para o Cristo Rei. O científico fiz no Guimarães Rosa. No 3º ano, fiz intercâmbio e passei um ano na Pensilvânia, Estados Unidos. Lá, tive a oportunidade de estudar arte de uma forma mais ampla. Tive aulas de História da Arte, experiência com joalheria, criando e executando projetos em prata, aulas de música (flauta transversa), pintura, escultura; enfim, fiz tudo que pude relacionado à arte, já que podia escolher as matérias, além de literatura e gramática inglesa.

Deixei de lado a tal da matemática e física, química e biologia. Também fiz Desenho para Arquitetura, que, aliás, foi minha primeira opção para o vestibular, mas acredito que era uma forma de não admitir que o que eu queria mesmo era fazer Arte. Durante este período, ganhei uma bolsa de estudos para frequentar as aulas de aquarela na Butler County Community College. Voltando, vim para o Rio de Janeiro, cidade em que moro até hoje. Aqui trabalhei em um escritório de arquitetura, fazendo perspectivas em aquarela, em uma fábrica de letreiros luminosos que ia mal das pernas. No final, eu praticamente estava pagando para trabalhar. Valeu a experiência. Tentei alguns vestibulares para arquitetura e não passei. Aí meu pai disse: "Se não passar no próximo, volta para Cachoeiro que eu fico de olho para ver se você está estudando mesmo". Então, eu me vi numa situação periclitante, mandei ver nos estudos e fiz um vestibular para Arquitetura, um para Direito e outro para Licenciatura em Artes. Passei nos três, só que a faculdade de Arquitetura era fora do Rio e eu queria, porque queria, morar na "Cidade Maravilhosa", afinal, não tinha a menor graça sair da capital secreta para morar em outro lugar. Então, fiquei quieto e não falei que tinha passado. Para Direito, vi que não levava o menor jeito, então, fui fazer Licenciatura em Artes nas Faculdades Integradas Bennett. Estudava à noite e trabalhava em uma loja chamada Fiorucci durante o dia. Abandonei o curso no 3º período, quando realizei minha primeira exposição em um restaurante chamado "Macondo". Essa exposição chamava-se "A Solidão dos Anos" e era totalmente inspirada na obra de Gabriel Garcia Marquez, "Cem Anos de Solidão". Meus pais, soube disso bem depois, confessaram ter torcido para que não desse certo; assim, eu abandonaria de vez essa ideia de querer ser artista. Não que não me apoiassem, mas certamente por pura e pertinente preocupação com o meu futuro. Felizmente, a exposição foi um sucesso e, cheio de coragem e confiança típicos de um cara "cabeça dura" de vinte e poucos anos, larguei o emprego e passei a me dedicar exclusivamente à pintura. Nos anos 1980 fiz alguns cursos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e atualmente participo de grupos de estudo de Arte e Filosofia.

**RC: Você chegou a ter, em Cachoeiro, alguma professora de pintura? Se teve, qual a importância?**

**GS:** Tive vários excelentes professores em Cachoeiro. Não de pintura, mas de várias outras matérias que foram fundamentais na minha formação como artista. Mas eu era fascinado pelas reproduções da Bíblia editada pela Barsa, e lá eu via Tintoretto, Da Vinci, El Greco, Ticciano, enfim, os grandes mestres. Quando comecei a pintar, minha irmã Lenise estudava pintura e eu roubava alguns tubos de tinta que, depois de usar, soprava dentro deles para que ela não percebesse meu delito. Pintava às escondidas na garagem de casa, usando todo e qualquer tipo de superfície que pudesse servir de suporte. Assim, várias capas duras de livros didáticos, lajotas e sobras de azulejos viravam pinturas que eram escondidas naquele lugar. Um dia, D. Sâmia Creimer viu algumas dessas pinturas e propôs um bom negócio: ela ficou com algumas pinturas e em troca me deu tintas e telas para que eu continuasse a criar; além de me emprestar vários livros de arte que certamente abriram minha cabeça. Credito a ela grande responsabilidade pela minha formação como artista. Comecei a vender minhas obras com 13, 14 anos de idade.

**GS:** Acho que no fundo sempre fui artista. Claro que tive dúvidas se poderia sobreviver fazendo arte, mas sempre tive a certeza de que pertencia à este universo. Se não seguisse esse caminho, estaria traindo a minha verdadeira essência.

**RC: Você se sente “filiado” ou simpatizante de alguma escola de pintura? Vive e pinta alguma fase especial no momento?**

**GS:** Não me sinto filiado a nenhuma escola de pintura, mas se tivesse que me inserir em algum estilo acredito que seria um modernista. Sou contemporâneo por uma questão óbvia, já que estou vivo e produzindo. Eu trabalho sempre e muito. Tenho uma rotina de trabalho como qualquer pessoa. Venho ao meu ateliê diariamente e passo uma média de dez horas trabalhando. Quando não estou pintando, estou desenhando, esculpindo, estudando. Só o fato de estar aqui já implica em estar profundamente envolvido nesta atmosfera, nem que seja limpando pincéis.

**RC: Uma determinada fase que vive um pintor pode privilegiar mais a forma do que as cores ou vice-versa?**

**GS:** A meu ver, forma e cores estão sempre juntas, não dá para privilegiar nem uma nem outra – são complementares na pintura. Agora, sem dúvida nenhuma, o momento que o artista está vivendo se reflete em sua obra. Já passei por algumas fases desde quando iniciei minha carreira. Já fiz muitas aquarelas, tive uma fase super urbana, quando pintava cenas de bares, gente, festas e músicos, usando cores fortes. Havia uma certa inquietude na imagem que dava a impressão de uma certa urgência para captar o momento. Depois, quando me tornei pai – ou mesmo antes – acho que me preparava sem me dar conta, entrei numa viagem em que senti uma necessidade imensa de reproduzir mapas antigos, a flora brasileira, tudo num tom meio sépia, ouro, em que eu permeava a pintura com fragmentos de textos, de coisas que passavam pela minha cabeça. Era quase que um inventário de tudo que eu via e tinha vontade de retratar. Nesta viagem surgiram as Paisagens Brasileiras, quando fiz a exposição “Suíte Brasileira” no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Muito dessa fase veio dos meus passeios quase que diários pelo Jardim Botânico e do contato constante com a natureza nos fins de semana em Itaipava, Petrópolis, onde também tenho um ateliê. Mais recentemente, senti uma saudade danada das cores e fiz a exposição de “De Perto, De Longe”, apresentada no Recife e no Rio de Janeiro, em que retratei flores, órgãos, ossos e ainda partes de paisagens, quase como se fosse uma transição do que eu fazia antes para o que estava fazendo naquele momento. Uma época em que a

consciência da efemeridade das coisas amadureceu dentro de mim. Atualmente, estou experimentando. Essa liberdade de experimentação é fundamental para o meu processo criativo. Sou um artista em constante transformação. As fases passam e eu acredito haver perigo quando um artista tende a se “cristalizar” em uma determinada fase. A impressão que tenho é que, quando acaba a curiosidade, o trabalho acaba ficando burocrático. Felizmente, eu não sei o que está por vir e isso é muito confortável para mim, apesar de, em alguns momentos, a sensação de não saber o que vai acontecer gerar certo pânico e angústia. Mas, quando passa é sempre muito bom e compensador.

**R: Qual a importância do apuro técnico na obra do artista? Até onde somente o talento – ainda que excepcional – pode levar o artista, sem o aporte do estudo continuado?**

**GS:** Hoje, o apuro técnico deixou de ser determinante na obra de um artista. No atual momento do “pós-tudo”, o que parece ser mais determinante são as ideias. Eu, particularmente, acredito não só no apuro técnico como na beleza, que parece ter sumido de grande parte da produção da arte contemporânea. Um curador, hoje, disputa a autoria da obra de arte com o artista e o contexto intelectual da obra acaba tendo mais valor do que a obra em si. Só talento não leva ninguém a lugar algum, assim como só o apuro técnico também não. Tem que estudar, pesquisar, ter curiosidade e fazer.

**RC: O mercado de arte atravessa hoje (2012) um bom momento no Brasil? É possível vender bem fora dos grandes centros metropolitanos? Vende-se melhor no exterior?**

**GS:** O mercado brasileiro está em um momento excelente. Haja vista o número de centros culturais e galerias que “pipocam” pelo país afora. Vende-se fora dos grandes centros e também fora do circuito – às vezes um tanto elitista e fechado – das galeiras de arte. No exterior, quem compra arte brasileira são as instituições e os colecionadores. A arte latino-americana está em alta e a arte brasileira especialmente está muito bem cotada. Existe um interesse genuíno na produção de arte contemporânea brasileira. Comprar arte é um bom negócio e, felizmente, ainda existem pessoas que investem com o coração na hora de comprar. Senão vira outra coisa e, então, é melhor investir na bolsa de valores.

**RC: Quem você acha que fez a mais importante revolução conceitual das artes plásticas no século XX? Teria sido uma escola ou algum artista individualmente? Um dos inúmeros “ismos” ou Duchamp, Picasso, Warhol?**

**GS:** Acho muito difícil citar um artista ou mesmo um movimento artístico que seja o mais importante. Acredito que uma sucessão de artistas e movimentos ao longo dos séculos revolucionaram o conceito de arte, cada um a seu tempo. Para mim, Paul Cézanne fez a maior revolução nas artes plásticas.

**RC: Como amante da literatura, eu tive um livro que me desnorteou como porrada formal. Algum quadro, uma primeira vez, lhe deu esta sensação “demolidora-construtora”?**

**GS:** Com o passar do tempo, nossa percepção e sensibilidade vão mudando. A primeira vez que vi um quadro e chorei de emoção foi em 1985 em Paris, quando estive diante de um quadro de Paul Gauguin. Depois, foi quando vi as Ninfeias de Monet, no Museu L’Orangerie, em 1991. Neste mesmo ano, também vi pela primeira vez um quadro gigantesco de Caravaggio, em Roma. Em 2009, um quadro do pintor impressionista Gustave Caillebotte, uma pintura chamada “Os raspadores de assoalho”, foi uma das coisas mais impressionantes que já vi. Ali, o apuro técnico e o talento estão evidentes. Essas experiências foram fundamentais na minha “construção-desconstrução” como artista. Atualmente, ainda estou sob o efeito da obra de Richard Serra e de Michael Heizer, ambos escultores norte-americanos. Espero continuar me emocionando com vários outros no decorrer da minha vida. O importante é sempre se surpreender, estar aberto às novas experiências, sem preconceito.

**RC: Aliado ao seu talento de pintor, soubemos que você agrega notáveis dotes culinários. Fale um pouco sobre isso e – se possível – passe uma receita bem simples para bebericar com um uísque.**

**GS:** Sem a menor modéstia, eu sei cozinhar, mas notáveis dotes é um pouco demais (risos). Gosto muito de cozinha, quase tanto quanto pintar. Aliás, acho que cozinhar é uma arte na qual não dá para enganar. A comida ou é boa e bem feita ou não é, independentemente do gosto de cada um. Comecei a gostar de cozinhar ainda moleque, quando, na casa dos meus pais, vivia reclamando que o bife estava duro. Aí falaram para mim: “vai lá e faz”. Então, eu fazia. Depois, no tempo em que morei no Rio de Janeiro, sem aquela mordomia de casa, cansado de tanto miojo, comecei a me arriscar na cozinha. Até alpiste na falta de gergelim cheguei a usar...e não é que ficou bom? Posso dizer que cozinho direito. Fui eu que cozinei no almoço para 40 pessoas nas bodas de ouro de meus sogros, Paulo e Regina Casotti. Fiz coelho ao vinho, taioba refogada, polenta e arroz. Também já cozinei para alguns amigos feras na cozinha, como os chefs Claude Troisgros e Tereza Corção, do Navegador. Inclusive, o Navegador tem uma moqueca com meu nome. Mas, quem faz os cardápios quando cozinho é a Sol (Solange Casotti), minha mulher. Ela é minha melhor crítica culinária, além de cobaia para algumas experimentações. Receita bem simples para acompanhar o velho e bom uísque é comer umas castanhas de caju. Mas, só para contrariar, vou dar uma receita de jiló. Sei que

muita gente torce o nariz para ele – mas, sinceramente, não dá para ter preconceito com comida. É o seguinte: corte o jiló em quatro, refogue-o no azeite com alho picado e sal a gosto. Disponha o jiló em um prato com queijo de cabra (aqueles em forma de bolinha conservados no azeite) e um fio de mel de engenho (melado). O amargo do jiló praticamente desaparece quando misturado ao queijo e ao doce. Coma com torradas. Dá para fazer a mesma coisa com quiabos inteiros ou berinjelas cortadas em rodelas. Combina bem com o malte.

**RC: Fale um pouco sobre suas exposições no Brasil e no exterior, suas premiações, enfim, sobre o sucesso de sua carreira e seus projetos para o futuro.**

**GS:** Venho fazendo exposições individuais e coletivas regularmente desde 1992. Foram várias no Brasil e também no exterior. Comecei expondo em espaços alternativos, depois em algumas galerias e instituições culturais. Mostrei meu trabalho na França, Itália, Alemanha, Inglaterra, Colômbia, Equador e EUA. Participei das Bienais de Cuenca e de Florença. Este ano vou expor em Paris e ano que vem farei uma grande exposição no Rio de Janeiro. A minha maior premiação é poder viver única e exclusivamente de arte.

**RC: Sempre pedimos ao entrevistado que conte um episódio bem humorado de sua vida cachoeirense. Você tem alguma dessas situações em seu “currículo”.**

**GS:** São dois episódios curiosos, que vale a pena lembrar. Um foi quando minha professora de matemática comprou um quadro meu. Quando eu era seu aluno (péssimo, por sinal), ela vivia dizendo: “João Guilherme, pare de desenhar”. Ironia do destino. Outra boa história foi quando fui fazer uma exposição em Moçambique e ao citarem meu nome em uma recepção na casa do embaixador do Brasil, uma pessoa falou “Secchin? Só pode ser do Espírito Santo, de Cachoeiro”. Era Iraê, filha do Dr. Deusdedit Baptista, que mora lá. Tem gente de Cachoeiro no mundo inteiro. São os embaixadores da “capital secreta”.

**RC: Há uma quantidade infinita de grandes artistas plásticos na História da Arte no Brasil. Dos mais acadêmicos aos mais vanguardistas. De Pedro Américo a Hélio Oiticica, Tunga, Leonilson. Quem você considera os grandes brasileiros transformadores conceituais das artes plásticas no país? Ou mesmo não transformadores, mas artistas de uma obra completa, consistente e perene.**

**GS:** Eliseu Visconti, Antônio Parreiras, Ismael Nery, Portinari, Leonilson, Franz Krawinkel, entre outros, são alguns dos artistas que admiro. Agora, obra perene é outra coisa – a obra de um artista só será perene quando, depois que ele for, houver alguém ou alguma instituição que cuide dela. Eu sempre achei que estar na hora certa, no lugar certo e conhecer as pessoas certas é, de alguma forma, condição essencial para o sucesso de vários artistas. Você acha que se Michelangelo ou mesmo Leonardo Da Vinci não tivessem contatos na corte e no clero suas obras teriam sido preservadas? Talvez houvesse artistas contemporâneos tão bons quanto eles mas, por algum motivo não tomamos conhecimento de suas obras.

**RC: Há sempre certa dose de hereditariedade em cada tipo de talento e em cada tipo de indivíduo. Há algum jovem pintor ou algum poeta pintando ou versejando na sua casa?**

**GS:** Em casa, ouvimos muita música e, sempre que podemos, vamos ao teatro, concertos, cinema, exposições e incentivamos a leitura, mas sem forçar nada para não assustar. A adolescência tem seus caprichos. Mas vivemos em um ambiente bastante artístico. O Antônio, meu filho mais velho, hoje com 15 anos, tem se revelado um exímio violonista. Foi assustador o dia em que ele nos presenteou com alguns estudos do Villa Lobos que ele tinha tirado da Internet através de tablaturas. Atualmente, ele estuda violão com alguns professores e posso dizer, com orgulho, que ele leva jeito. Se vai seguir carreira ou não é outra coisa, mas tocar um instrumento é para a vida toda e faz bem para a alma. Ricardo, hoje com 12 anos, foi quem começou a estudar violão, mas por enquanto, deu um tempo... Inclusive foi ele quem ensinou os primeiros acordes para o irmão. Ele desenha muito bem, sempre desenhava, arrisca uns poemas, adora cinema e está estudando teatro. Vamos ver o que vai acontecer.

**RC: Você acha que ainda existe no Brasil algum tipo de preconceito em relação à arte popular?**

**GS:** Sim. As pessoas não se dão conta da riqueza e da diversidade da arte popular que existe no Brasil. Muita gente confunde artesanato – que também é muito bom – com arte popular. Você tem que saber distinguir as duas coisas. Muitas vezes o que se vê não tem muita qualidade, é cópia da cópia. Há uma diluição da originalidade.

**RC: Por fim, o que você diria a um jovem que estivesse, hoje, sentindo o mesmo chamado para as artes que você sentiu?**

**GS:** Coragem, responda ao chamado! Acredite em você, seja verdadeiro com os seus sentimentos e nunca deixe de ser curioso.



Guilherme Secchin  
ARTISTA PLÁSTICO